

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Alexander Kluge: Por Um Cinema Impuro
30 de Julho de 2021

HAPPY LAMENTO / 2018

um filme de ALEXANDER KLUGE

Realização: Alexander Kluge / **Argumento:** Alexander Kluge, Khavn de la Cruz / **Participação Especial:** Khavn de la Cruz / **Fotografia:** Thomas Willke, Albert Banzon, Thomas Mauch, Erich Harandt / **Montagem:** Andres Kern, Kajetan Forstner, Roland Forstner, Toni Werner / **Música:** Khavn de la Cruz / **Som:** Michael Kurz, Stephan Holl, Toni Werner / **Com:** Helge Schneider, Heiner Müller, Galina Antoschewskaja, Peter Berling.

Produção: Alexander Kluge, Kairos-Film, Stephan Holl, Rapid Eye Movies / **Cópia:** da DCTP, em DCP, cor, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 90 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 2 de Setembro de 2018, Festival de Cinema de Veneza, Giornate degli Autori / **Estreia Comercial:** 20 de Junho de 2020, Alemanha / Primeira exibição na Cinemateca.

“Mas qual é o propósito dessa sucessão delirante, dessa fúria de listar pequenas 'ações' que se igualam em substância? É muito simples: trata-se de fazer explodir novamente a violência original programada e, portanto, banalizada por um mundo onde tudo é violência e que portanto, por falta de contrastes internos, é inofensivo.”

Pier Paolo Pasolini, sobre **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos**

Happy Lamento revela bem a liberdade e a radicalidade de Alexander Kluge quando, muitos anos depois da sua última longa-metragem, regressa verdadeiramente ao cinema, estreando este filme em Veneza, onde os seus primeiros filmes haviam sido premiados. E, não obstante a sua grande especificidade, reconhecemos em **Happy Lamento** todo o eclético trabalho de montagem, os motivos, e mesmo as imagens e sons de muitas das produções anteriores de Kluge. Como dirá o próprio realizador: “É um filme musical peculiar. O núcleo central tem a ver com a luz elétrica, o circo, a canção ‘Blue Moon’ e as violentas guerras de rua entre gangues de crianças no norte de Manila”.

É interessante esta deliberada aproximação à música e o afastamento do cinema, mas ao mesmo tempo **Happy Lamento** apresenta-se como uma espécie de manifesto sobre a essência do cinema, quando este nos é explicitamente apresentado como “uma forma de arte independente”, “distinta da realidade, da fotografia, do bonito, do cerimonioso”. Trata-se, no fundo, de um manifesto sobre o trabalho dos últimos anos de Alexander Kluge e uma defesa de um cinema “anti-bonito”, “desfigurante” e dinâmico. Um cinema que, recusando uma dimensão “sublime”, se aproxima de uma estética kitsch, que é verdadeiramente assumida nos letterings e na forma como o cineasta trabalha e monta as suas imagens. Esse kitsch assume em **Happy Lamento** uma dimensão importante, estando parte desse “mau gosto” directamente associado às partes filmadas em Manila, em que está mais presente a colaboração com o realizador e artista plástico filipino Khavn de la Cruz, que coassinará com

Kluge a sua última longa para cinema, **Orphea** (2020), que estreou recentemente em Portugal.

De um sinistro karaoke no *bas-fond* de Manila passamos para pedras tumulares de um cemitério através das quais percebemos como tantas crianças que vivem nas margens morrem cedo, sofrendo as consequências de uma intrincada teia de pobreza, criminalidade, e de jogos policiais e ladrões. Tal é bem expresso nos epitáfios, como na sequência em que as crianças assaltam um supermercado, ou quando brincam com armas numa lixeira. Entre um poema recitado num cenário apocalíptico e os corpos deixados no lixo, assistimos a uma verdadeira apologia de um “mau gosto” que não deixa nada intacto face ao desregulamento do mundo retratado.

Manila aparece ao lado de Elvis Presley, mas também das palavras de Heiner Müller, num contraste extremado. Num filme em que tudo parece ser possível, as inesperadas partes animadas cabem a Khavn de la Cruz, que desenha lagartos a saírem da boca de homens presos, cenário de um encarceramento exacerbado que rima com um parque infantil repleto de lixo, ou o lamento pela mercadoria, recuperado de **Nachrichten aus der ideologischen Antike: Marx, Eisenstein, Das Kapital** / “Notícias da Antiguidade Ideológica: Marx, Eisenstein, 'O Capital'”.

Há também imagens lindíssimas, que não interessa se são filmadas ou apenas descritas, como a da evacuação de um circo russo em 1941, que, com a sua inerente gravidade, aumenta o que podemos designar simultaneamente como uma estética da resistência, mas também como uma estética da confusão. O horror de Manila encontra o horror de Coney Island através do já citado filme mudo de Porter, através do qual Kluge confronta o “espectáculo” da electrocução de um elefante, com as posteriores reacções de horror de tratadores e equipa.

Reencontramos estas imagens, brinquedos de corda, actores habituais do cinema de Kluge, assuntos por ele permanentemente retomados, mas o que aqui surpreende é o modo como tal se relaciona com todo um novo universo que podemos atribuir ao realizador filipino, que contribui para um exponenciar de uma certa inquietação que se transforma numa verdadeira alucinação. Falando de Kluge poderemos referir uma certa “inquietância do tempo” ou uma “inquietante estranheza” termos com inúmeras conotações, que muito descrevem do tempo presente,

E voltamos às palavras do realizador quando descreve os seus filmes como “contra-algoritmos aos algoritmos impostos por Silicon Valley, que ameaçam o próprio cinema”. Filmes que oscilam entre durações muito curtas e que assim regressam às origens do cinema, que se agregam em outros mais longos que podem chegar às dez horas, como o filme que fez sobre a intenção de Eisenstein fazer um filme sobre *O Capital* de Karl Marx. “Foi algo que aprendi através da história do cinema, da Bauhaus, e de outros mestres”, dirá ainda.

Eis porque não resistimos a citar de novo as certas palavras Pasolini sobre **Die Artisten in der Zirkuskuppel: Ratlos**, quando se refere à motivação da alucinante sucessão de fragmentos do cinema de Kluge, que em **Happy Lamento** encontra o seu corolário: “É muito simples: trata-se de fazer explodir novamente a violência original programada e, portanto, banalizada por um mundo onde tudo é violência e que portanto, por falta de contrastes internos, é inofensivo.”

Joana Ascensão